

Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de instruções: o exemplo da receita de culinária*

Paulo Nunes da SILVA
(Universidade Aberta)

1. Introdução

Propomo-nos reflectir, neste artigo, acerca da expressão do tempo em textos de instruções a partir da análise de um género discursivo particular: a receita de culinária. Assinalaremos as especificidades que caracterizam a temporalidade destes textos, designadamente a ausência de ancoragem no eixo do tempo e o facto de a duração e a ordenação relativa dos estados de coisas referidos se revelarem decisivas para a finalidade prática subjacente a estes textos. Para uma análise global das relações temporais entre as situações referidas, explicitaremos os diferentes processos de interacção entre formas verbais, adverbiais temporais e classes aspectuais.

Seguimos a tipologia de estados de coisas proposta por Vendler (1967), que prevê a existência de quatro classes aspectuais (estados, actividades, eventos prolongados e eventos instantâneos). Adoptamos também os conceitos de núcleo (estrutura tripartida constituída por processo preparatório, ponto de culminação e estado consequente) e de transição aspectual preconizados por Moens (1987).

A estrutura do artigo é a seguinte: na secção 2, reflectiremos acerca das propriedades que caracterizam a receita de culinária; na secção 3, analisaremos detalhadamente a expressão do tempo numa receita; por fim, na secção 4, sistematizaremos as principais conclusões que extraímos do estudo efectuado.

2. Propriedades da receita de culinária

Nesta secção, pretendemos apontar as propriedades mais relevantes das receitas de culinária (ao nível macro-estrutural e ao nível micro-estrutural) e reflectir acerca do protótipo textual que elas actualizam.

Nas suas propostas iniciais sobre tipos de sequências, Jean-Michel Adam (1987, 1990) previa um protótipo injuntivo-instrucional, reconhecível, entre outros exemplos, nas instruções de montagem, nas regras de jogos e nas receitas de culinária. De facto, todos estes géneros discursivos se caracterizam pela transformação do estado inicial de um dado objecto, a qual é concretizada desde que se siga um conjunto de procedimentos prescritos ou recomendados. O destinatário destes textos é sempre indeterminado: quem os produz nunca sabe exactamente a quem se dirigem. Tal indeterminação verifica-se não apenas em relação aos destinatários mas engloba também os intervalos de tempo em que se materializa a transformação que aqueles textos anunciam: eles contêm instruções que serão (ou não) postas em prática em intervalos de tempo posteriores àquele em que são produzidos. Veremos adiante que a ausência de ancoragem temporal comporta consequências importantes ao nível dos valores temporais observáveis nestes textos.

A teorização daquele autor sofreu uma evolução assinalável, tendo sido rejeitada, a partir de Adam (1992), a existência de um protótipo instrucional, reconhecendo-se apenas os tipos sequenciais narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo (todos monogerados) e dialogal (poligerado). É inegável que as propriedades atrás referidas se aplicam a um conjunto circunscrito de géneros discursivos designados por textos de instruções. Mas a reflexão de Adam sobre estes textos tem passado, desde então, por os enquadrar na classificação que propôs, através da resposta à seguinte questão: os textos de instruções constituem actualizações do protótipo narrativo ou do protótipo descritivo?

A progressão temporal e a transformação do estado inicial de um objecto num estado final diferente são duas propriedades que aproximam a receita de culinária do protótipo da sequência narrativa. Nos textos de natureza narrativa observa-se a alteração de qualidades ou propriedades relativas a um ou mais personagens; essa modificação processa-se durante um intervalo de tempo ao longo do qual os personagens protagonizam um conjunto de eventos sucessivos, que frequentemente se caracterizam por relações de causalidade. De facto, na narrativa, como na receita, «la suite de propositions est orientée vers la fin»¹. Todavia, no caso das receitas, a transformação é operada pelo destinatário sobre um determinado número de ingredientes, através da realização de acções propostas segundo uma ordem fixa. E assim, enquanto na narrativa se relata um conjunto de acções, as receitas incitam o destinatário à acção, tendo como horizonte uma finalidade prática prevista pelo título do texto.

Quanto à sua temporalidade, um texto narrativo tipicamente relata eventos que se sucederam (no plano da realidade ou no da ficção) num intervalo de tempo anterior ao da enunciação²; já a receita de culinária refere um conjunto de situações dinâmicas ordenadas de modo sequencial e a concretizar num intervalo de tempo posterior àquele em que é enunciada. Se é verdade que a progressão temporal constitui uma característica comum às narrativas e às receitas, o facto de aquelas apontarem para situações passadas e estas para situações futuras configura uma propriedade que claramente as afasta.

Na verdade, em receitas de culinária, não se procede à localização temporal das situações dinâmicas descritas. Potencialmente, estes textos podem proceder à ancoragem temporal dos estados de coisas referidos em qualquer intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação, pelo que, num certo sentido, as receitas são textos atemporais. Não havendo lugar para operações de localização temporal, as relações temporais entre as situações limitam-se à sua ordenação relativa. Tal ordenação é tipicamente sequencial, propiciada pela linearidade do discurso em associação com a classe aspectual dos eventos, que predomina nestes textos. Assim, ao longo do artigo, sempre que utilizarmos as designações de *temporalidade* ou de *relação temporal* a propósito das receitas de culinária estaremos a referir-nos unicamente a esta dimensão de ordenação relativa entre as situações e não à sua localização no eixo do tempo.

Nas receitas analisadas durante a investigação, verificámos que elas se caracterizam pela ausência de formas verbais no pretérito imperfeito e no pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Ora, uma propriedade importante da narrativa em língua portuguesa consiste no uso alternado do pretérito perfeito simples e do pretérito imperfeito. À sequencialidade que geralmente caracteriza os estados de coisas apresentados no pretérito perfeito, opõe-se a sobreposição temporal das situações veiculadas pelo pretérito imperfeito. Daí resulta um efeito de sentido particular: o contraste entre o primeiro plano (que, em termos de conteúdo narrativo, contém informação mais relevante) e o segundo plano (que integra conteúdos que servem de enquadramento ao primeiro plano). Este contraste deve-se ao facto de as situações referidas no

pretérito perfeito se apresentarem como entidades discretas, temporalmente delimitadas à direita, ao contrário do que se verifica com os estados de coisas designados no pretérito imperfeito³. A não ocorrência de formas no pretérito imperfeito (e no pretérito mais-que-perfeito) tem como consequência nunca se verificar esse contraste nas receitas de culinária. Ao nível micro-estrutural, tal ausência constitui outro argumento a favor da não inclusão deste género discursivo entre os textos que actualizam a sequência narrativa.

No plano macro-estrutural, verifica-se a ausência das macroproposições correspondentes à complicação e à resolução, as quais são essenciais na definição de sequência narrativa; de facto, a sequencialidade temporal não é suficiente para que estejamos em presença de uma narrativa: «il faut opérer une mise en intrigue, passer de la succession chronologique à la logique singulière du récit qui introduit une problématisation par le biais de deux macro-propositions – Pn2 et Pn4 – narratives extrêmement importantes, insérées entre la situation initiale et le début du procès et entre le procès et la situation finale»⁴. Na medida em que o autor confere primazia ao plano da macro-estrutura textual, este constitui, para Adam (1992), o argumento decisivo no sentido de não incluir a receita de culinária entre os textos que actualizam o protótipo da sequência narrativa.

Em sua opinião, as receitas de culinária apresentam uma macro-estrutura que se aproxima do protótipo da sequência descritiva. De facto, estes textos incluem necessariamente as seguintes macroproposições:

- o tema-título (a indicação do prato a confeccionar);
- a enumeração das partes (a lista dos ingredientes);
- a relação entre essas partes (sob a forma de acções a realizar ordenadamente).

Deste modo, as operações

- i) de identificação (que evidenciam o todo),
- ii) de listagem⁵ (a segmentação em partes daquele todo), e
- iii) de relacionamento

correspondem a cada uma das macro-proposições atrás referidas. Estas três fases são articuladas na receita do seguinte modo: os ingredientes enumerados em ii) são transformados segundo as recomendações apresentadas em iii) de modo a garantir o resultado final indicado em i). É a temporalidade da fase iii) que analisaremos detalhadamente na terceira secção do artigo.

Dada a presença de um elevado número de predicados de evento, as receitas constituem, segundo Adam (1992), actualizações do protótipo da sequência descritiva, sob a forma de descrição de acções ordenadas⁶. Neste tipo de descrições, são frequentemente referidos os procedimentos técnicos necessários à produção ou construção de um determinado objecto; o locutor assume o papel de especialista na área em causa e os predicados de evento designam as diversas fases da acção ou conjunto de acções que são objecto do texto. Por conseguinte, o encadeamento dos estados de coisas referidos nas descrições de acções ordenadas não é, geralmente, susceptível de ser alterado.

Com base na noção revista de protótipo⁷, é pertinente conceber um *continuum* entre os pólos da sequência narrativa e da sequência descritiva, situando-se a receita de culinária mais perto desta do que daquela. A semelhança com a sua macro-estrutura (identificação, listagem das partes e relacionamento entre elas) revela-se determinante no sentido de considerarmos, juntamente com Adam (1992), que a receita actualiza o protótipo da sequência descritiva.

Vejamos outras propriedades inerentes a este género discursivo⁸:

- o uso de verbos cujo significado lexical se caracteriza pelo dinamismo (predicados de evento), assim como o predomínio de formas verbais (presente do conjuntivo, presente do indicativo com sujeito indeterminado⁹, infinitivo não flexionado) que, no âmbito deste género discursivo, carregam um valor ilocutório directivo;
- a presença de advérbios temporais (e, em menor número, de marcadores de organização discursiva) que especificam a duração dos actos referidos e reforçam as relações de sequencialidade entre eles, configurando um quadro temporal rígido, dificilmente alterável pelo destinatário;
- a utilização de um léxico específico requerido pelo facto de os textos envolverem um conjunto de conhecimentos minimamente especializados;
- a existência de um objectivo preciso, de carácter prático, tarefa facilitada quer pela previsão dos elementos necessários, quer pela descrição detalhada dos actos a realizar para se atingir o resultado proposto;
- o carácter não ficcional dos conteúdos.

Os textos de instruções têm características peculiares, não sendo redutíveis a descrições em sentido estrito, enquanto enumeração de propriedades de um dado objecto. Nas receitas de culinária, «la description disparait en tant que nomenclature des différents traits d'un objet et prend la forme d'une série d'actions [...]. Le texte, au lieu de comptabiliser les parties de l'objet [...], énumère un ensemble de gestes techniques au moyen desquels sont présentés les composants de l'objet»¹⁰. Todavia, julgamos ter ficado demonstrado que as semelhanças evidenciadas ao nível macro-estrutural permitem que sejam concebidos como actualizações do protótipo sequencial descritivo.

3. Análise da expressão do tempo numa receita de culinária

Nesta secção, procederemos à análise da temporalidade na receita de culinária que a seguir transcrevemos.

TORTA RECHEADA DE MORANGOS¹¹

Ingredientes

5 ovos

5 colheres de sopa de *Hermesetas Cristalizado* (200 g)

100 g de farinha

250 g de doce de morango

uma pitada de *Hermesetas Cristalizado* para polvilhar

Bata os ovos com as hermesetas até obter um creme esbranquiçado. Incorpore a farinha. Forre o tabuleiro do forno com papel vegetal untado com manteiga e farinha e verta a massa sobre toda a superfície do tabuleiro.

Coza durante 8 minutos, em forno previamente aquecido a 200°. Desenforme sobre um pano polvilhado com *Hermesetas Cristalizado*, deixe repousar durante 10 minutos, retire o papel vegetal e barre a massa com doce. Enrole imediatamente e deixe ao frio.

O título identifica referencialmente o todo que se pretende obter. A operação seguinte – a listagem de ingredientes – reveste a forma de enumeração das partes do objecto referido no título, e configura, na teorização de Adam (1992), o grau zero da descrição. São as relações temporais atestadas na última macroproposição, correspondente à operação de relacionamento dos ingredientes, que passamos a analisar.

A metodologia de trabalho será a seguinte: procederemos à listagem das ocorrências dos diferentes tempos/modos verbais e, relacionando-os com as classes aspectuais atestadas, à descrição dos seus valores semânticos e pragmáticos; listaremos igualmente os advérbios temporais presentes no texto e explicitaremos a sua relevância na expressão de valores de duração e de ordenação temporal relativa.

Nesta receita, regista-se a ocorrência de dezasseis formas verbais: onze no presente do conjuntivo, três no particípio passado¹² e duas no infinitivo.

O presente do conjuntivo é a forma verbal de base. Em termos pragmáticos, os enunciados em que ocorre esta forma verbal constituem actos ilocutórios directivos, uma vez que o presente do conjuntivo é usado como forma supletiva do imperativo quando o destinatário é invocado com forma de tratamento de 3.^a pessoa. Trata-se, portanto, de frases imperativas, as quais são invariavelmente orientadas para o futuro.

Também o infinitivo não flexionado e o presente do indicativo (na terceira pessoa do singular e com sujeito indeterminado) podem ocorrer em receitas de culinária como formas verbais de base. Em cada receita, geralmente é adoptada uma e uma só forma verbal que ocorre sistematicamente como núcleo de sintagma verbal das orações principais. Por vezes, todavia, verifica-se uma oscilação na selecção das formas verbais; na obra de que foi extraído o texto em análise, detectámos cinco casos de ocorrências, na mesma receita, quer do presente do conjuntivo, quer do infinitivo, como núcleo de sintagma verbal de oração principal. Ora, «o infinitivo, na sua forma invariável, é especialmente usado quando o destinatário do acto ilocutório directivo não é específico»¹³, pelo que a hesitação na escolha do tempo/modo verbal de base decorre do facto de que as receitas têm um alocutário indeterminado, mesmo quando o tempo/modo verbal seleccionado é o presente do indicativo ou o presente do conjuntivo.

Do ponto de vista das classes aspectuais, as formas no presente do conjuntivo integram-se em enunciados que configuram eventos prolongados, situações que se caracterizam por serem dinâmicas, durativas e télicas. Há, no entanto, duas excepções, ambas com a mesma forma verbal: *deixe [a massa] repousar durante 10 minutos*¹⁴ e *deixe ao frio*; nestes casos, estamos em presença de predicados de evento instantâneo.

Quanto às três formas de particípio passado, as orações em que ocorrem descrevem estados, enquanto as duas formas de infinitivo – *obter* e *repousar* – estão incluídas em proposições que referem, respectivamente, um evento instantâneo e um evento prolongado.

Deste modo, em dezasseis estados de coisas referidos, dez são da classe aspectual dos eventos prolongados, três da classe dos eventos instantâneos e três da classe dos estados. Verifica-se, portanto, o predomínio de situações da classe dos eventos, estados de coisas com fronteira temporal à direita, o que é determinante para a sua ordenação relativa. Quanto às situações da classe dos estados, na medida em que são resultantes de eventos que o leitor é instigado, ainda que indirectamente, a realizar, revelam-se igualmente importantes para a ordenação das situações, embora de modo diverso, como veremos.

É a linearidade do discurso, associada ao predomínio de ocorrências dos predicados de evento, que promove a ordenação sequencial das situações descritas. Vejamos este segmento textual:

[...] *retire o papel vegetal e barre a massa com doce. Enrole imediatamente [...]*

Em primeiro lugar, o destinatário retira o papel vegetal; depois, barra a massa com doce; de seguida, enrola a massa, e assim sucessivamente. Configurando predicados da classe dos eventos prolongados, isto é, estados de coisas durativos delimitados à direita, verifica-se a deslocação sucessiva do ponto de referência, pelo que há progressão temporal. A interpretação de sequencialidade deve-se ao facto de a fronteira inicial de um evento **b**) (*barre a massa com doce*, por exemplo) se localizar necessariamente num intervalo de tempo posterior ao do ponto de culminação de um evento **a**) (*retire o papel vegetal*). Deste modo, a ordenação sequencial, típica da receita de culinária, tem origem no carácter linear do discurso e no facto de a estrutura temporal das situações referidas incluir uma fronteira temporal à direita¹⁵.

Consequentemente, verifica-se a existência de isomorfismo na ordenação das situações no discurso e no plano da realidade. A temporalidade básica da receita de culinária consiste na indicação de *n* eventos prolongados não ancorados no eixo do tempo, ordenados sequencialmente e cuja duração é marcada por adjuntos adverbiais temporais, sempre que se torna necessário explicitá-la.

As excepções à ordenação sequencial são atestadas, na receita em análise, com a ocorrência do particípio passado. As três formas de particípio passado registadas (*papel vegetal untado, forno previamente aquecido e pano polvilhado*) configuram, na dimensão pragmática do seu significado, actos ilocutórios directivos indirectos. De facto, o leitor não é directamente incitado (como acontece com as indicações fornecidas por formas verbais no presente do conjuntivo) a untar o papel vegetal, a aquecer o forno ou a polvilhar o pano. São apontados os estados resultantes desses eventos, pelo que o leitor infere que deverá realizar os actos que originam os referidos estados.

Simultaneamente, as formas de particípio passado promovem, na receita em análise, a inversão temporal dos estados de coisas que referem. Em *forre o tabuleiro do forno com papel vegetal untado com manteiga e farinha*, são dadas duas indicações ao leitor: **a**) forrar o tabuleiro com papel vegetal e **b**) untar o papel vegetal com manteiga e farinha¹⁶. Surgem no discurso por esta ordem, mas referem duas operações a realizar numa sequência inversa àquela em que ocorrem no texto: primeiro o leitor deve **b**) untar o papel vegetal com manteiga e farinha e só depois pode **a**) forrar o tabuleiro do forno com esse papel. A dimensão semântica do significado do particípio passado (a anterioridade), associada ao facto de a oração em que se integra ocorrer, no discurso, em posição posterior à forma verbal que constitui o núcleo do sintagma verbal da oração principal, origina a quebra da regra do isomorfismo¹⁷.

Na sequência *forno previamente aquecido a 200º*, o particípio passado ocorre com um advérbio de tempo que localiza, de modo vago, um estado resultante (*forno aquecido a 200º*) num intervalo de tempo anterior ao início do evento prolongado *cozer durante 8 minutos*. De facto, o advérbio *previamente* é um localizador temporal relativo a uma situação referida no contexto. Todavia, parece-nos que é, neste caso, redundante, limitando-se a reforçar a ideia de anterioridade, o que se comprova pelo enunciado seguinte do qual o advérbio foi excluído: *coza durante 8 minutos, em forno aquecido a 200º*; ocorra ou não com o advérbio *previamente*, o particípio passado localiza o estado descrito num intervalo de tempo anterior ao da indicação *coza durante*

8 minutos. Por outras palavras, em ambos os casos, o forno já deverá estar aquecido a 200° antes de se inserir a massa. Esta interpretação é apoiada pelos outros enunciados em que ocorrem formas verbais no particípio passado; em *papel vegetal untado* e em *pano polvilhado*, não é necessário o uso do advérbio *previamente* para se obter uma leitura de anterioridade. A ocorrência do advérbio, contudo, previne eventuais dificuldades na interpretação, evitando a possibilidade de uma leitura ambígua¹⁸.

O advérbio *imediatamente* ocorre com um predicado cujo valor aspectual básico é de evento prolongado (*enrole [a massa] imediatamente*); neste caso, o seu uso serve para enfatizar a ideia de que, entre o ponto terminal do evento *barrar a massa com doce* e a fronteira inicial do evento *enrolar [a massa]*, o intervalo de tempo deve ser mínimo. Este advérbio constitui, por isso, um modificador de intensificação do acto ilocutório directivo¹⁹.

Ocorrem, nesta receita, outros adverbiais temporais que desempenham uma função diferente quer da ordenação relativa das situações (como *previamente*), quer da intensificação do acto ilocutório directivo (como *imediatamente*). Os três adverbiais durativos atestados (*durante 8 minutos*, *durante 10 minutos* e *até obter um creme esbranquiçado*) especificam a duração das acções a praticar.

Todos estes adverbiais ocorrem em enunciados que referem eventos prolongados (*bata os ovos com as hermesetas até obter um creme esbranquiçado*, *coza durante 8 minutos*, [*deixe a massa*] *repousar durante 10 minutos*)²⁰ e explicitam a duração do intervalo de tempo de cada um dos estados de coisas, quer pela referência a quantidades de tempo, quer pela associação a uma outra situação que se constitui como ponto de culminação do estado de coisas relevante²¹. Os adverbiais *durante 8 minutos* e *durante 10 minutos* associam quantidades de tempo às situações *cozer [a massa]* e *repousar*, expressando, assim, a duração do intervalo de tempo em que devem ocorrer. O advérbio *até obter um creme esbranquiçado* indica um evento instantâneo que marca a fronteira temporal final da situação dinâmica, durativa e tética *bater os ovos com as hermesetas*.

Verifica-se, portanto, a ausência de adverbiais temporais que procedam à ancoragem das situações referidas no eixo do tempo. Da não ocorrência destes adverbiais e do predomínio do presente do conjuntivo com valor de imperativo (por definição, orientado para o futuro) resulta o facto de a temporalidade da receita de culinária estar limitada à ordenação relativa entre os estados de coisas indicados. Deste modo, assume particular relevância a delimitação temporal das situações, seja ela intrínseca aos estados de coisas (como no caso dos predicados com valor básico inicial de evento prolongado), seja conferida pela coocorrência com adverbiais temporais (como no caso dos predicados com valor básico inicial de actividade). Tratando-se de um género discursivo em que a sequencialidade é um factor determinante para a obtenção da finalidade proposta, é importante que as situações referidas sejam temporalmente delimitadas, porquanto a interpretação de sequencialidade se deve à sucessão de estados de coisas com fronteiras temporais à direita.

4. Conclusões

Nesta secção final, sistematizamos as principais ideias que emergiram ao longo da investigação efectuada.

Começámos por defender, na sequência da teorização de Adam (1992), que a receita de culinária configura um género discursivo que actualiza o protótipo da sequência descritiva. Embora

apresente propriedades comuns aos tipos narrativo e descritivo, considerámos que asua macro-estrutura (com as operações de identificação, de enumeração das partes e de relacionamento entre elas) aproxima a receita do protótipo da sequência descritiva. Reconhecemos, todavia, que a receita constitui um género discursivo com propriedades específicas e não é redutível à descrição de um objecto ou de uma paisagem. A mesma reflexão se aplica, aliás, a outros textos de instruções, como as indicações de montagem ou as regras de jogos.

Nas receitas de culinária, não se procede à localização das situações no eixo do tempo. A sua temporalidade limita-se à ordenação relativa dos estados de coisas, para o que concorrem as classes aspectuais, as formas verbais, os adverbiais temporais e o carácter linear do discurso.

Verificámos que três tempos/modos verbais de base podem ocorrer nestes textos (o presente do conjuntivo, o presente do indicativo e o infinitivo não flexionado) e que predominam os predicados da classe aspectual dos eventos prolongados. Associados à linearidade do discurso, resulta destes factos a interpretação dos eventos referidos segundo uma ordem sequencial e isomórfica entre os planos do discurso e da realidade. Observámos, na receita analisada, a ocorrência de actos ilocutórios directivos directos (nos enunciados no presente do conjuntivo) e de actos ilocutórios directivos indirectos (quando ocorrem formas verbais no particípio passado). Sublinhámos a dimensão semântica do significado do particípio passado (em todas as suas ocorrências, integrado em orações adjectivas reduzidas), tendo sido apontados três casos de inversão temporal com origem no seu uso. Constatámos, deste modo, que uma análise completa do significado das formas verbais não dispensa um quadro teórico que contemple as dimensões semântica e pragmática do significado.

Comprovámos, por fim, que os adverbiais temporais presentes no texto estudado desempenham diferentes funções semântico-pragmáticas: ordenam as situações referidas, especificam a sua duração e modificam o grau de intensidade do acto ilocutório directivo.

Notas

* Agradeço à Prof.^a Ana Cristina Macário Lopes os seus comentários a uma primeira versão deste artigo. Eventuais lapsos que ele contenha são, naturalmente, da minha responsabilidade.

¹ Adam e Petitjean (1989: 97).

² Recorde-se, contudo, os casos de relatos de acontecimentos desportivos, nos quais há uma relação de quase simultaneidade entre o intervalo de tempo em que os eventos ocorrem e aquele em que são narrados.

³ Cf. a teoria da delimitação temporal (no original, *théorie du bornage*) de Monika Kozłowska (1997).

⁴ Adam (1992: 50).

⁵ Propomos as designações de identificação e de listagem em vez da tradução literal dos termos usados por Adam (1992) (respectivamente, *ancrage* e *aspectualisation*) devido à ambiguidade que eles carregam numa análise da temporalidade em sequências de natureza descritiva. De facto, ancoragem e aspectualização remetem, na nomenclatura utilizada em português, para valores de tipo temporal e aspectual. Ora, não são manifestamente estes os valores que estão em jogo no plano da macro-estrutura das sequências descritivas.

⁶ As descrições de acções ordenadas têm em comum com o protótipo narrativo o facto de conterem predicados de evento sequencialmente ordenados, verificando-se, em ambos os casos progressão temporal, como já foi assinalado. Todavia, Adam e Petitjean (1989) revelam motivações de natureza simultaneamente cognitiva e macro-estrutural para a distinção entre narrativas e descrições de acções: «nous faisons l'hypothèse qu'une séquence de D[escription d']A[ctions] est plus difficilement mémorisable qu'une séquence narrative par le fait qu'on ne peut, à aucun moment de la lecture, tasser l'information donnée [...]. Dans ce type de séquence [description d'actions], tout est d'une égale importance, tout est porté au premier plan», Adam e Petitjean (1989: 163). Esta última reflexão decorre da já assinalada ausência de formas verbais no pretérito imperfeito e no pretérito mais-que-perfeito.

⁷ Cf. Kleiber (1993). O autor caracteriza a noção revista de protótipo nos seguintes termos: os diferentes exemplares de uma mesma categoria são reunidos segundo uma relação de "semelhança de família", já não como representação mental da categoria mas apenas como efeito. Nesta versão, o conceito de protótipo pode alargar-se às categorias não homogêneas referencialmente, na medida em que recobre diferentes configurações e é concebido como um fenómeno de superfície. Passou-se, segundo Kleiber, de uma versão mono-referencial a uma versão polissémica ou multicategorial do protótipo. Perspectivadas nestes termos, é plausível conceber a receita de culinária e a descrição de uma pessoa, de uma paisagem ou de um objecto como efeitos prototípicos de uma mesma estrutura categorial profunda.

⁸ Cf. Adam (2001). Outras características, menos relevantes para a análise que pretendemos efectuar, são a presença de imagens alusivas ao resultado final esperado, a segmentação tipográfica (que distingue o título, a lista de ingredientes e as acções que o destinatário deverá executar), e a existência de recomendações relativamente a outros modos de realizar o macro-acto em questão ou de apresentar o resultado final.

⁹ Tanto o presente do conjuntivo, como o presente do indicativo ocorrem sempre flexionados na 3.^a pessoa do singular.

¹⁰ Adam e Petitjean (1989: 45).

¹¹ Michel, *Doce prazer sem pecado*, Porto, Edições Asa, p. 62. A receita inclui outras indicações com o recurso a símbolos como dois cifrões (custo médio) e dois garfos (grau de dificuldade médio); refere ainda o tempo de preparação (quinze minutos) e o tempo de cozedura (oito minutos), fornecendo, assim, o horizonte temporal de preparação do doce em causa. Na página seguinte, a fotografia dá uma ideia mais precisa do resultado passível de ser obtido.

¹² Contabilizámos formas de participio passado nos exemplos seguintes: *papel vegetal untado*, *forno previamente aquecido* e *pano polvilhado*; no caso de *creme esbranquiçado*, estamos em presença de um adjectivo verbal. Ignacio Bosque (1999) apresentou critérios de natureza diversa (morfológica, sintáctica e semântica) para os distinguir. Resumidamente, os adjectivos referem propriedades de objectos, enquanto os participios passados designam estados resultantes de acções que se exerceram sobre os objectos em causa. Os participios passados mantêm as propriedades sintácticas dos verbos correspondentes; por conseguinte, podem ocorrer com

complementos circunstanciais (*forno aquecido ontem, pano polvilhado com Hermesetas Cristalizado*) e, no caso dos verbos transitivos, são compatíveis com o complemento agente da passiva (*papel vegetal untado pelo João*), o que não acontece com os adjetivos (* *creme esbranquiçado pelo João*, * *creme esbranquiçado ontem*, * *creme esbranquiçado com a batedeira*).

¹³ Matos (2003: 453).

¹⁴ Neste enunciado, a oração principal refere uma situação da classe dos eventos instantâneos e a oração subordinada refere um estado de coisas da classe dos eventos prolongados.

¹⁵ Cf. Kozłowska (1997).

¹⁶ A análise sintáctica evidencia que o enunciado é composto por duas orações: uma oração principal e uma oração adjectiva reduzida (*untado com manteiga e farinha*) que serve de modificador do nome integrado no sintagma preposicional adjunto de sintagma verbal da oração principal.

¹⁷ Também são atestados casos de inversão temporal quando uma oração subordinada temporal introduzida por *antes de* ocorre à esquerda da oração principal (*antes de confeccionar os crepes, incorpore na massa as pêras*).

¹⁸ A mesma função é desempenhada pelos advérbios *anteriormente* e *já* quando coocorrem com o participio passado em orações adjectivas reduzidas (*junte-os ao molho de escabeche anteriormente preparado; juntam-se [os coelhos] ao molho já engrossado*).

¹⁹ Cf. Matos (2003: 459-460): «acentuam o valor de ordem das imperativas, advérbios de tempo como *já*, *imediatamente* que evidenciam a necessidade de execução da acção num futuro imediato».

²⁰ Um dos adverbais temporais durativos (*durante 10 minutos*) ocorre com um predicado com valor básico inicial de actividade (*repousar*) e funciona como comutador aspectual. De facto, a actividade é temporalmente delimitada pelo adverbial, que lhe confere um ponto de culminação (dez minutos após o início da situação referida), observando-se, deste modo, uma transição da classe das actividades para a classe dos eventos prolongados.

²¹ Cf. Móia (2003).

Bibliografia

- ADAM, Jean-Michel (1987), "Textualité e séquentialité: l'exemple de la description", *Langue française* 74, p. 51-72.
- ADAM, Jean-Michel (1990), *Éléments de linguistique textuelle*, Liège, Mardaga.
- ADAM, Jean-Michel (1992), *Les textes: types et prototypes*, 4.º éd., Paris, Éditions Nathan, 2001.
- ADAM, Jean-Michel (2001), "Types de textes ou genres de discours? Comment classer les textes qui disent de et comment faire?", *Langages* 141, p. 10-27.
- ADAM, Jean-Michel, e André PETITJEAN (1989), *Le texte descriptif*, Paris, Nathan.
- BOSQUE, Ignacio (1999), "El sintagma adjetival. Modificadores y complementos del adjetivo. Adjetivo y participio", in BOSQUE, Ignacio, e Violeta DEMONTE (Dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. I, Madrid, Espasa Calpe, p. 217-305.
- BOSQUE, Ignacio, e Violeta DEMONTE (Dir.) (1999), *Gramática descriptiva de la lengua española*, 3 volumes, Madrid, Espasa Calpe.
- KLEIBER, Georges (1993), "Prototype et prototypes: encore une affaire de famille", in DUBOIS, Danièle (Dir.), *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*, Paris, CNRS, p. 103-129.
- KOZLOWSKA, Monika (1997), "Bornage et ordre temporel", *Cahiers de linguistique française* 19, p. 345-368.
- LOPES, Ana Cristina Macário (2003), "Elementos para uma análise semântica das construções com *já*", in CASTRO, Ivo, e Inês DUARTE (Org.), *Razões e emoção (Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus)*, vol. I, Lisboa, INCM, p. 411-428.
- LOPES, Ana Cristina Macário, e Felicidade MORAIS (1999), "Antes e depois: elementos para uma análise semântica e pragmática", *Revista portuguesa de filologia*, vol. XXIII, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 183-243.
- MATEUS, Maria Helena Mira, *et alii* (2003), *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Caminho.
- MATOS, Gabriela (2003), "Frasas imperativas", in MATEUS, Maria Helena Mira, *et alii*, *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Caminho, p. 449-460.
- MOENS, Marc (1987), *Tense, aspect and temporal reference*, (PhD. Diss.), Edinburgh, University of Edinburgh.
- MÓIA, Telmo (2003), "Subdomínios de significação associados ao tempo – uma panorâmica geral", in CASTRO, Ivo, e Inês DUARTE (Org.), *Razões e emoção (Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus)*, vol. II, Lisboa, INCM, p. 95-127.
- SILVA, Paulo Nunes da (2003), "A expressão de valores temporais numa sequência narrativa", *Vidya* 37, p. 179-195.
- VENDLER, Zeno (1967), "Verbs and times", *Linguistics in philosophy*, Ithaca, Cornell University Press, p. 97-121.